

Divindades roubadas: cultos populares no livro dos Juízes¹

Stolen deities: popular cults
in the book of Judges

Antonio Carlos Frizzo²

Resumo:

A preocupação central do artigo busca assinalar as experiências religiosas existentes numa época anterior ao surgimento da monarquia do século VIII, VII e suas respectivas reformas. A chamada experiência popular ressalta as imagens, amuletos, deusas e deuses cultuados no ambiente familiar ou em santuários nacionais. Todo esse panteão foi literariamente assolapado pela leitura oficial imposta pelos autores deuteronomistas.

Palavras-chave: Santuários, Baal, Aserá, Camos e literatura deuteronomista.

Abstract

The main article concern tries to point out the existing religious experiences in a time before the monarchy emergence in the VIII, VII century and their reforms. The so-called popular experience highlights the images, amulets, goddesses and gods worshiped in the family environment or national shrines. All this literary pantheon was smashed by the official reading imposed by deuteronomists authors.

Keywords: Shrines, Baal, Ashera, Astarte and deuteronomistic literature.

¹ Este texto foi publicado originalmente na revista *RIBLA*, nº 75. São Bernardo do Campo: Metodista, 2017, pp. 33-45. O autor conseguiu autorização para publicação na *Espaços. Revista de Teologia e Ciência da Religião*.

² Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; professor do Primeiro Testamento no ITESP (Instituto São Paulo de Estudos Superiores) e assessor no Centro Bíblico Verbo, São Paulo.

1. Introdução.

O estudo de determinado texto bíblico parte sempre do próprio texto, por ser esse o objeto essencial de estudo. Tal tomada de posição não pode cair ingenuamente ou, por uma estratégica escolha, no biblicismo, sinônimo do fundamentalismo. Eis um método sempre permissivo. Há séculos, desde o surgimento do MHC (Método Histórico Crítico), aprendemos que um texto bíblico traz marcas de sua cultura originária. A hermenêutica da escola latino-americana já acostumou a realçar, não somente o contexto do texto, bem como, as relações sociais e o jogo de poder nele inseridos.

Agora, acenamos para uma leitura descolonizadora. Trata-se de analisar no texto as condições das vítimas da violência, sempre ignoradas pelo redator final da obra. Busca-se entrar no texto pela porta dos fundos. Quando falamos de leitura descolonizadora julgamos estar acenando para um processo crítico do jogo de poder contido no texto e na opção confortável ou não de seus narradores. Perceber os grupos vitimados por reformas empreendidas pelos monarcas na Palestina do século VIII e VII século a.C. Os reformadores deuteronomistas estiveram ligados a um projeto real bem definido. Nada impossibilita pensar que esses primeiros sionistas viram na produção literária, empreendida em meados do século VII, um meio eficaz para oferecer perene estabilidade às ações beligerantes dos reis Ezequias e Josias. Se as divindades causam certo estorvo, basta eliminá-las (RÖMER, 2005, 71-94).

Para que isso aconteça, é indispensável perceber qual o sujeito histórico que está presente nas páginas bíblicas. cremos que há uma necessidade de discernir os papéis dos personagens criados pelo narrador, compreendidos como resultado de um processo de compilação, redação, edição e reedições que marcaram as longas fases literárias do texto final, como o encontramos em nossas Bíblias³.

Uma leitura atenta há de incomodar ao buscar compreender quais os motivos que levaram o narrador de 2 Reis 23,4-7 a destilar tamanho ódio às diversas experiências religiosas em Jerusalém e nas províncias periféricas. Nosso narrador, na redação final do livro, expõe em detalhes a destruição sistemática dos antigos ambientes culturais. O que pode justificar tamanhas atrocidades? Vejamos:

⁴O rei mandou que o sumo sacerdote Helcias, os sacerdotes de segunda ordem e os guardas da porta tirassem do santuário de Javé todos os objetos feitos para o culto de Baal, de Aserá e de todo o exército dos céus. Os objetos foram queimados fora de Jerusalém, no vale do Cedron, e as cinzas foram levadas para Betel.

⁵Depois, ele desautorizou os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam nomeado para queimar incenso nos lugares altos das cidades de Judá e

³A Bíblia é uma produção literária. Tal atribuição em nada retira o seu aspecto de ser um texto, uma ontologia literária marcada pela inspiração.

arredores de Jerusalém. Desautorizou também os que queimavam incenso para Baal, para o sol, para a lua, para as constelações e para todo o exército dos céus.

⁶Retirou da Casa de Javé a Aserá, levando-a para fora de Jerusalém, para o vale do Cedron. Queimou a Aserá no vale do Cedron, e a reduziu a cinzas, que foram jogadas sobre o túmulo dos filhos do povo.

⁷Destruiu os locais de prostituição sagrada que havia na Casa de Javé, onde as mulheres teciam abrigos para Aserá. (2 Reis 23,4-7).

O narrador da escola deuteronomista não camufla, ao contrário, alteia o seu desejo de realçar as façanhas, as brutalidades, os hábitos violentos e religiosos em voga na cidade de Jerusalém, em meados da reforma josiânica. Exalta-se o culto nacional a Javé, em detrimento aos deuses que por séculos conviveram, lado a lado, com Javé. Na exaltação de uma divindade nacional, solapam-se tradições, religiões e culturas centenárias. Na base da reprodução da violência Javé torna-se a divindade máxima, única e excludente na Judá, do século VII a.C.

Os verbos em hebraico expressam elevado grau do que hoje, sem titubear, chamaríamos de intolerância, salvo anacronismo. Diz o texto: retirar, num grau causativo *yātsā'* objetos e imagens cúlticas; queimou - *šārap* - as imagens fora de Jerusalém... queimou no vale do Cedron; triturou - *dāqāq* - as cinzas e lançou - *shālak* - suas cinzas nos sepulcros - *qeber* - da plebe.

Sobre as divindades *Baal* e *Aserá* recaem toda a truculência dos reformistas deuteronomistas. Os *lugares altos* - *bamoth* - bem como, todos os utensílios usados nos cultos para adorarem todo o exército do céu - *tsābā hashāmyim* - serão triturados. Na Jerusalém, agora considerada santa por excelência, após a reforma de Josias, não há lugares para outros deuses e deusas, exceto Javé. Não é difícil apostar que esse discurso, eminentemente beligerante, solapou antigas estruturas religiosas. Pessoas e grupos, estruturas administrativas e tradições populares foram derrotados e subjugados em nome de um projeto exclusivista para Javé. Outrora subjugadas, mas não silenciados. Deuses e divas nunca morrem. Seus devotos morrem, eles e elas renascem numa nova roupagem com os seus poderes e glórias. Adquirem novas feições.⁴

Numa leitura de cunho fundamentalista, torna-se impossível perceber as contradições que o texto - compreendido como obra literária de alguns autores - suplantou. Diferentes tribos, espalhadas nas mais diversas aldeias nas regiões da Palestina, campo e montanha, possuíam a mesma cultura. Seus deuses e deusas eram divindades comuns. El, Elohim, Aserá, Baal e Camos eram divindades cultuadas em seus respectivos santuários e em diferentes modos. A fertilidade dos animais, a procriação e o sustento da prole, a proteção dos guerreiros

⁴ Derrotadas, mas sempre presentes. Invisíveis, mas persistentes. Subordinadas, mas desobedientes. Domadas, mas sobreviventes. Subordinadas pela palavra, mas ressuscitadas nas práticas autônomas e recriadoras das comunidades de mulheres, crianças e homens que vivem um cotidiano sagrado e uma religião sem nome (CARDOSO, 2014, p. 210).

nas batalhas, a saúde e longevidade das matriarcas, patriarcas e filhos, a memória dos mortos, a chuva no tempo certo, garantia da boa colheita, estavam aos cuidados das divindades. A divindade de nome Javé foi introduzida na região por determinado clã. O nome Javé ecoa de modo estranho na cultura de Canaã (Dt 33,2; Jz 5,4). Lentamente, a divindade Javé integrará o panteão das divindades e receberá, como atributo, a marca da guerra (Êx 14,14; Jz 4,14-15). As nações não conheciam um deus de nome Javé, considerado como *um* (Dt 6,4) e celebrado como *Deus dos deuses* e *Senhor dos Senhores* (Sl 137, 2-3), como professará Israel no período do pós-exílio.

2. Uma panorâmica dos cultos populares no livro dos Juízes.

As investidas dos reformadores josiânicos impuseram Javé como divindade nacional. Para que a empreitada obtivesse o resultado esperado priorizaram uma cidade (Jerusalém), forjaram uma história ascendente de cunho monoteísta (Jz, Js, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs) e consagraram um arcabouço escritural como desejo de um ensinamento divino. Para os reformadores deuteronomistas, sediados em Jerusalém, os cultos estrangeiros ou ações votivas que viessem sinalizar certo grau de oposição foram nomeados de cananeus. O mais provável é que sobre a nomeação cananeu ou cananeia esteja uma prática religiosa levada adiante por populações que não aderiram às reformas do jatismo exclusivista, como foram os objetivos empreendidos por monarcas como Ezequias e Josias. Por identidade cananeia é oportuno realçar que se trata de um atributo desenvolvido por grupos de sacerdotes sediados em Jerusalém, em meados do século VII a.C. Para tais grupos sacerdotais tudo o que parecesse estranho, resistência ou oposição, recebeu uma referência desqualificadora de cananeu, cananeias e cananeus.

Nesse aspecto de beligerância aos deuses do período pré-monárquico, cremos ser oportuno somar que como livro, como nós o compreendemos hoje, os textos bíblicos só começam a surgir com a ascensão do império assírio, em meados do século VIII. Período, esse, do surgimento do alfabeto.⁵ Os caracteres cuneiformes e hieróglifos somente eram dominados por escribas profissionais, os quais sempre dispunham os seus clamorosos ofícios aos reis. A escrita era uma demonstração genuína de poder, prestígio e riqueza.⁶ Coincidentemente,

⁵ Para Schniedewind a literatura bíblica foi redigida em grande parte entre os séculos VIII e VI a.C., ou seja, entre os dias dos profetas Isaías e Jeremias. A redação da literatura bíblica esteve estreitamente vinculada à urbanização de Jerusalém, ao crescimento da burocracia governamental, ao desenvolvimento de uma economia global mais complexa e, em seguida, à difusão do letramento (SCHNIEDEWIND, 2011, p. 34).

⁶ Oportuno resgatar as máximas de Duauf-Jeti ao exaltar a profissão de escriba, escritas em meados do segundo milênio a.C.: *Nada ultrapassa a escritura; é um barco sobre a água; O escriba nada precisa [...]. É a melhor das profissões. Nada na terra é comparável a ela; Não existe ofício sem patrão, exceto o escriba, pois ele é o próprio amo* (LÍNDEZ, 1999, p. 19).

décadas mais tarde, entram em cena os projetos reformadores responsáveis pela compilação de tradições orais e escritas. Só que, dessa vez, há um interesse em compor uma literatura para Israel voltada aos interesses, nem sempre legítimos e justos, dos monarcas.

Um olhar retrospectivo, nas páginas do livro dos Juízes, revela uma visão altamente desqualificadora do que chamamos cultos populares, por parte de exímios contadores de histórias. Deusas, objetos cúlticos, altares, grupos sacerdotais e a própria divindade de Baal serão desqualificados e aniquilados pelo movimento dos reformadores na época do rei Josias, em meados do ano 622 a.C. Não se quer analisar os aspectos exegéticos impostos pela redação deuteronomista, mas referenciar os momentos, os locais, as indicações às religiões populares encontradas no livro dos Juízes.

2.1. A casa de José no santuário em Betel (Jz 1,22).

Ao Norte, nas famílias reunidas em torno da figura de José, surge um santuário conhecido como a *Casa do deus El, Betel - bêl 'el*. *El* assinala o mais antigo nome divino. Não é por um mero acaso a atribuição de inúmeras referências toponímicas, divinas ou humanas, portanto, o prefixo ou sufixo de *El*: Fanuel (Gn 32,30), Ismael (Gn 16,11), Batuel (Gn 24,25), Betel (Gn 31,13), 'El-Elyón (Gn 14,19-22), 'El-Olam (Gn 21,33) (ALBERTZ, 1992, p. 67-68).

El surge como uma divindade cultuada pelos camponeses e num contexto tribal, na visão dos sacerdotes radicados na Jerusalém monárquica (Gn 31,13; 35,8; Js 22,13; Jz 21,19). As nações existentes no período pré-monárquico conviviam entre várias divindades. O politeísmo não é visto como um desafio a este ou àquele deus, isto é, *El* como elemento divino. Nosso argumento acena que os antepassados de Israel estiveram em sintonia, uma harmoniosa relação com uma série de deuses cujo nome inclui o elemento divino *El*, na forma plural *Elohim*. Tal relacionamento pode ser verificado no santuário que receberá a visita de Elias e Eliseu (2Rs 2,3) e mais tarde, no reinado de Jeroboão será declarado santuário do rei (1Rs 12,26.32-33) e, anos mais tarde, entre 760-750, será a vez do profeta Amós destilar sua crítica aos cultos sem referenciar a justiça e o direito, aos pobres, em Betel (Am 3,14; 5,5-6).

2.2. O anjo de Javé nos santuários de Guilgal e Betel (Jz 2,1-5).

Seguindo a etimologia גָּלָל - *gālal* - rotação, andar de modo circular, a expressão *ídolos que estão em Guilgal - hap'sîlîm 'āsher 'et hagilgāl* - certifica a prática de um culto ao redor de *círculo de pedras* (Jz 3,19.26). Com toda a probabilidade esse ritual justifica as marchas circulares em torno da cidade de Jericó, sob as ordens de Josué (Js 6). A proibição de selar acordos com os povos circunvizinhos e o fato de conclamar a destruição dos seus altares, não deixa de

ser um realce do narrador josiânico (Jz 2,2). Expandir os territórios do reino de Judá rumo ao Norte e, reestabelecer as antigas fronteiras do reino davídico, foram metas da reforma josiânica.

2.3. Entre Baais e Astartes convive Israel (Jz 2,11.13.17.19; Jz 10,6).

Na religião pré-exílica de Israel e Judá, a divindade masculina caminha de mãos dadas com uma deusa feminina, às vezes Astarte ou Aserá. Perspectiva que possibilita compreender não somente o surgimento impositivo de uma única divindade, como o valor do panteísmo existente e que resistiu o quanto possível, aos ditames do processo de um jvismo exclusivista. El, Astarte, Aserá, Javé e Baal reinam. Desde o terceiro milênio, Astarte é cultuada como responsável pela fecundidade entre humanos e animais, da farta produção na agricultura, além de exercer função primordial na hierogamia.

Num primeiro momento, Astarte surge ao lado de seu par, Baal. Mas, em outras passagens, parece sozinha vinculada aos povos que contornam Israel (Jz 10, 6). Ao seu lado, sempre está Baal. No texto proposto pelos deuteronomistas, a culpa por fazer *o que era mau aos olhos de Javé - la ʾāsôt hāra ‘ bʿênê yhw̄h* - é decorrente aos cultos prestados aos Baais, às Astartes. Oportuno observar que os povos amonitas e filisteus são apontados como possuidores de uma divindade particular. Os amonitas acampam em Galaad e os filhos de Israel em Masfa - *Mitspeh*. Localizado na Transjordânia, Masfa de Galaad, surge como sede de um santuário e local escolhido pelo nosso narrador, em Juízes 11,11, para ser apresentado como comandante e chefe *na presença de Javé*, por hora residente em Masfa. Não é impossível imaginar a constelação dos deuses e deusas que formavam o panteão na Palestina anterior ao exílio babilônico ou, mais precisamente, séculos que antecedem as reformas dos monarcas Ezequias e Josias. Na esfera de uma teologia pautada na ótica da retribuição, os deuteronomistas forjarão o desaparecimento dessas divindades regionais, para que Javé volte a cuidar e manter livre o seu povo escolhido (Jz 10,16).

2.4. No templo de Baal-Hermon nações cultuam a mesma divindade (Jz 3, 3.6).

Não é difícil reconhecer nos arredores do monte Hermon um local escolhido para cultuar a Baal. Instaladas ao Norte de Israel, as cordilheiras estabelecem as atuais fronteiras entre Líbano, Síria e Israel. Do lado dos israelitas, o ponto mais alto chega a atingir 2.224 metros. Baal está ligado à fertilidade, prosperidade e é responsável pela harmonia cósmica. A multiplicidade de lugares que levam o seu nome manifesta os inúmeros povos que o cultuavam (Nm 33,7; 1Rs 18,19; 2Cr 23,17; Os 9,10).

2.5. Camos, deus dos moabitas (Jz 11,24).

O desespero de Mesa, rei de Moabe, pode testemunhar a prática de sacrifício humano: *tomando, então seu filho primogênito, que devia suceder-lhe no trono, ofereceu-o em holocausto sobre a muralha. E houve uma grande cólera contra os israelitas, que se retiraram e voltaram para sua terra* (2Rs 3,27). Provavelmente, uma vez que o texto não acena para qual divindade foi oferecido o sacrifício - Javé ou Camos - o rei moabita não iria sacrificar o *seu filho primogênito* em memória do deus inimigo. Camos surge como uma divindade guerreira e que, para agradá-lo, em meio a situações plausíveis de morte, encontra-se nos sacrifícios humanos um meio de invocá-lo. Nessa etapa de Jefté, o deuteronomista exalta Javé que trava uma disputa com outras divindades. Camos é um deus local. Cada divindade tem o seu território, onde, mais ou menos, exercer determinada influência: Astarte, deusa dos sidônios, Melcom, cultuado pelos amonitas (1Rs 11,7-8. 33; Jr 49,1).

2.6. Culto à sombra da palmeira (Jz 4,4-5).

Débora, profetisa e juíza, exerce as suas funções nas regiões de Ramá e Betel, tendo como sede uma montanha localizada na região de Efraim. Oportuno observar o local escolhido para a sua dupla função de reinar e profetizar. Tais práticas acontecem à sombra da *palmeira* - *tômer*. Embora as árvores tenham sido utilizadas como marco geográfico na determinação do tamanho da região ou fronteiras entre os povos (Jz 1,16), cremos que elas recebem uma propriedade divina, na Idade do Bronze Médio II (1750-1550). Nas veredas dos antigos cultos, das antigas divindades, encontramos a palmeira como uma divindade feminina (OTTERMANN, 2006, p. 136).⁷

Em um lugar alto e à sombra de uma deusa - compreendida como responsável pela fecundidade, fartura de bens e protetora da vida - Débora julga, mantém harmonia e sairá para defender o seu clã. Essa mulher passa a sintetizar as atribuições de uma deusa que, mais tarde, terá as suas imagens, os seus lugares de culto destruídos, para dar vez e lugar a um deus único, masculino, e cultuado como exclusividade pelos israelitas. Perseguição, destruição e desejo de sepultar para sempre os seus atributos são alguns elementos praticados pelos reformadores josiânicos, no projeto de criar e estabelecer uma divindade masculina, única e responsável pelo universo e acima de todo e qualquer deus (Sl 136, 1-4).

⁷ Uma candidata por excelência quando se trata de dar corpo concreto à *Árvore da Vida*, um elemento mítico que abraça tanto os aspectos da vida humana e animal terrestre quanto da vida humana e divina celeste. Desse modo, nas religiões do Oriente Médio e do Mediterrâneo, a tamaréira tem sido, desde os primórdios, uma das principais representações da presença divina, e nela, o imaginário vinculado à árvore da vida confunde-se com o corpo da deusa que faz nascer a vida e a alimenta.

2.7. Um anjo debaixo do terebinto de Efra (Jz 6,11).

O mensageiro de Javé utiliza um lugar sagrado, apresentado no texto hebraico como *terebinto* - 'elâ - para manifestar a sua preferência ao valente guerreiro Gideão. O termo *terebinto* nos impõe certa análise. A palavra 'elâ é a forma feminina da divindade masculina 'el - El. Tal semelhança acena que estamos diante de seres divinos e não de meros adereços religiosos, um objeto idólatrico. Nossas traduções bíblicas erram ao ideologizar esses conceitos. Tais erros impõem uma reconfiguração no universo religioso que antecedeu o surgimento das monarquias israelitas e judaítas. Essas imagens não expressavam deuses proibidos, muito menos certa atitude de traição ou descontentamento diante de Javé, mas eram os próprios deuses e divas cultuados no ambiente público, como divindades tribais e no interior das famílias, como uma divindade pessoal. Não concorrem com Javé, mas convivem harmoniosamente. Cremos que assolar tais elementos divinos e chamar pejorativamente de ídolos foi o peso empreendido pelos narradores deuteronômistas (DIETRICH, 2015, p. 4).⁸

2.8. Um holocausto sobre a árvore de Aserá e Baal (Jz 6,25-32).

O sacrifício feito em louvor a Javé, por parte de Gideão, ocorre após este receber uma ordem fidedigna de sua divindade para *destruir* - *hāras* - o *altar de Baal* - *mizbēah haba ul* - e a imagem da deusa *Aserá* - 'āshērâ - que ficava ao lado da imagem de Baal. Sobre as ruínas dessas divindades, Gideão *construirá* - *ūbānîtā* - um altar a Javé e utilizará os destroços da imagem de Aserá para manter o fogo e realizar um holocausto em louvor a Javé. Tanto na sua forma ugarítica - 'aḫīratu - como hebraica - 'āshērâ - os termos são coincidentes à deusa Aserá (CROATTO, 2001, p. 32-44). Aserá não é um objeto, mas uma pessoa que atua dando vida às suas criaturas ao lado de Baal. Nosso realce acena na compreensão de Aserá equivalente aos objetos sagrados: árvore, madeira ou posto sagrado. No universo ugarítico, as divindades atuam em constante integração. São deusas e deuses em complementariedade no cuidar das criaturas.

2.9. Em Efra, Gideão fabrica um *estandarte*. Os filhos de Israel e Abimeleque cultuam Baal-Berit (Jz 8,27.33-34; 9,4).

O *estandarte* - 'ēpôd - é manufaturado com certas quantias de ouro, prata, púrpura e outros objetos decorativos recolhidos dos vencidos midianitas. Será esse *estandarte* o objeto responsável por estimular os filhos de Israel à prática da

⁸ Há dificuldade encontrada pelos tradutores frente ao termo Terafim, nas edições bíblicas brasileiras. Ao abordar a temática, cai-se uma visão altamente depreciativa ao adotar como tradução *Ídolos* ou *ídolos domésticos* diante da palavra *Terafim*. Cf. <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15452&dd99=view&dd98=pb>.

idolatria, segundo os narradores deuteronomistas. No culto aos baais, encontramos uma divindade chamada de Baal-Berit, cultuado na cidade de Siquém. Aproveitando-se das ofertas doadas no santuário de Baal-Berit, Abimeleque usurpará o dinheiro para contratar homens para o seu exército de mercenários.

2.10. Os siquemitas armam uma revolta contra Abimeleque, mas acabam encontrando a morte dentro do santuário de El-Berit (Jz 9,27; 9,46).

Obtendo o apoio dos notáveis de Siquém e durante a vindima, em meio às festividades, *no templo do seu deus - bêt 'elôhêhem* - Gaal trama contra Abimeleque. Mas a reação adotada por Abimeleque será instantânea. Sua estratégia de perseguir seus oponentes fará que estes busquem proteção, refugiando-se na cripta do templo de El-Berit. Descoberto o esconderijo, Abimeleque levará todos à morte ateando fogo na entrada do santo esconderijo.

2.11. Origem do personagem Sansão, um culto ao anjo de Javé (Jz 13,15-25).

Nos ambientes remanescentes clânico-tribais, ao norte da Israel, no território de Dã, encontramos um sacrifício de fertilidade feito por Manué, ao *anjo de Javé - mal'āk yhw̄h*. Manué e sua esposa querem um filho. Nota-se que os elementos utilizados para o holocausto - cabrito, oblação, rochedo, altar - realçam relativa normalidade no hábito de oferecer sacrifícios para agradar a esta ou aquela divindade. Oportuno perceber que Manué não é sacerdote, mas oferece um holocausto ao anjo que se manifestou diante de sua mulher. Tal naturalidade certifica devoções de caráter pessoal e familiar à referida divindade.

2.12. Os deuses fabricados por Micas são roubados e legitimam a criação do território de Dã (Jz 17-18).

Apesar de ser um acréscimo ao livro dos Juízes, os capítulos 17 e 18 não podem ser ignorados no desejo de ilustrar o objetivo do nosso trabalho: Israel formou-se como Estado numa situação de total panteísmo. Com base no alerta deixado pelo redator final do livro, um deuteronomista convicto - *Neste tempo não havia rei em Israel, e cada qual fazia o que lhe parecia correto* (17,6; 18,1) - podemos dividir os capítulos em duas partes. Numa primeira parte, o midrash, realça em torno de Micas, um efraimita, o local sagrado feito por ele, reconhecido como *casa dos elohins / casa dos deuses - bêt 'elôhîm*. Em seu interior, havia uma *estátua e um ídolo de metal fundido - pesel ûmassêkâ* - seguindo o pedido de sua mãe, proveniente de um dinheiro que fora consagrado a Javé. O efod e o terafim, feitos por Micas, serviram como indumentárias sacerdotais para um dos seus filhos. Numa segunda parte, o destaque fica para a ação dos

danitas que, necessitados de uma divindade, *pegaram - lāqahû* - a imagem, a escultura, o efod e o terafim e, ainda, forçaram ir com eles, rumo ao norte, o levita, oriundo de Belém, instituído sacerdote. Nessa intriga envolvendo a tribo de Dã e os deuses cultuados em casa por Micas, prevalece o poder bélico dos danitas. A Micas restara o silêncio e o nada a fazer, diante de seus deuses e sacerdotes roubados por meio do poderio dos danitas.

O elenco comprova a existência de inúmeras deusas e deuses e prática cultural a eles prestada, seja em santuários familiares ou nacionais. O recurso às indumentárias e uso de vários objetos indispensáveis para a boa realização dos cultos, bem como, a necessidade de um profissional responsável e entregue exclusivamente à prática devocional legitimam o pan-israelismo. Na história de Israel o monoteísmo, como culto ortodoxo, tem seu início na época persa e neste período foi consagrado. As nações que viriam a formar o Estado de Israel, sua monarquia, seja ao Norte como ao Sul, nasceram, cresceram e se fortaleceram em meio a inúmeros cultos autônomos e um tanto original. A teologia monoteísta é fruto bem tardio, indo além da reforma josiânica, ou até mesmo pós-exílio babilônico.

Considerações finais.

Nas páginas do livro dos Juízes, tentamos perceber o quanto antigos cultos, da época pré-israelita, foram suplantados pela tradição literária deuteronomista que justificaram as reformas empreendidas no período das realezas de Ezequias (716-687) e, mais tarde, Josias (640-609). Após a destruição do reino de Israel, ocorrida no ano de 722 a.C., um certo tipo de religião javista, ancorada nas relações entre uma divindade cultuada pelo nome Javé, migrou para Judá, levada por israelitas afoitos para escapar da brutalidade da guerra e garantir a sobrevivência. As tradições nortistas foram acolhidas e redefinidas. Os refugiados tiveram que sujeitar-se a um ferrenho controle de suas tradições, já redefinidas, considerando três importantes parâmetros: a submissão ao davidismo monárquico oficial, em voga em Judá; o modo de organização social a partir do templo instalado na cidade, agora santa, Jerusalém; Javé, como divindade nacional e exclusivo, bem como, a negação de qualquer divindade. Aos recém-chegados, não houve escolha (FRIZZO, 2015, p. 57-66). A partir dessa submissão em troca de sobrevivência, o javismo segue sua evolução, tendo no Deuteronomio, como nós o conhecemos, seu ponto de apogeu. A releitura imposta pelos sacerdotes de Judá, defensores de um davidismo oficial, foi implacável. Da pluralidade de El, os Elohim, dos santuários altos, das tradições centenárias nada permaneceu. Tudo e todos foram assolapados por uma reforma religiosa inaugurada pelo jovem rei Josias, transportada para o exílio babilônico e formatada pelos sacerdotes, no período do governo persa.

Deusas e deuses, seus altares, suas sacerdotisas e sacerdotes foram pilhados pela força do projeto reformador. Em nome de uma divindade máxima, masculina, compreendida como único deus, violências foram cometidas. Divas e deuses silenciados

pela força. O desaparecimento dos espaços e aparatos cúlticos resume-se, agora, no vigor de uma única divindade. Ficaram para trás projetos e teologias reveladoras de que o Israel de hoje não tem nada que se possa comparar ao Canaã de ontem.

Referências bíblicas:

ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Valladolid: Trotta, 1999.

CORDEIRO, A. L. A. *Onde estão as deusas? Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: Cebi, 2011.

CROATTO, J. S. A Deusa Aserá no antigo Israel – A contribuição epigráfica da arqueologia. In: RIBLA v. 38. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 32-44.

FINKELSTEIN, I. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRIZZO, A. C. Entrevista com Israëf Finkelstein. In: Revista Espaços, n 23/1. São Paulo: ITESP, 2015, p. 57-66.

GERSTENBERGER, E. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/Cebi, 2007.

JOHAN, K. Bíblia, literatura, cânone, hermenêutica. In: REIMER, H.; DA SILVA, V.; (Orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG, 2006, pp. 76-87.

KAEFER, J. A. *A Bíblia, a Arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2016.

KESSLER, R. *História social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2010.

LÍNDEZ, J. V. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999.

OTTERMANN, M. “Eu sou a tua Anat e a tua Aserá...” YHWH e Aserá (não só) no livro de Oséias. In: DREHER, C. A., MUGGE, E.; HAUENSTEIN, I.; DHEHER, I. (Orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006, pp. 273-282.

_____. A Deusa Inana-Ishtar – uma rival de YHWH?: Considerações femininas sobre as Deusas-árvore e o Deus único da Bíblia Hebraica. In: REIMER, H.; DA SILVA, V.; (Orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas: contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo / Goiânia: Oikos / UCG, 2006, 136.

PEREIRA, N. C. *Profecia cotidiana e a religião sem nome: religiosidade popular na Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial/Cebi, 2014.

ROBERT, A. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RÖMER, T. *A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SCHNIEDEWIND, W. M. *Como a Bíblia tornou-se um livro*. São Paulo: Loyola, 2011.